

maio
2007

Jornal da MBR

119
Ano 10

Compromisso com o patrimônio

MBR restaura matriz de Raposos, uma das igrejas mais antigas de Minas Gerais e importante patrimônio histórico e artístico da região. Página 3



Cada vez mais Vale

Já estamos em maio, com a produção e nossos projetos a todo vapor, trabalhando para realizar o que foi orçado com segurança, custo e qualidade. Paralelo a isso, segue o Projeto Integrar com a Companhia Vale do Rio Doce, que está em sua terceira fase, a de integração das áreas corporativas.

O Miguelão se unirá a laboratórios transferidos de Vitória, no Espírito Santo, formando uma nova gerência-geral, de Tecnologia e Desenvolvimento de Processos e Produtos (GEDET). Ela vai atender à área de Ferrosos da Companhia, atuando no desenvolvimento e testes de produtos de mina e de carga metálica para siderurgia. A nova área terá condições de oferecer suporte à produção e desenvolvimento de novos produtos e aos clientes da Vale e seus processos.

Para receber essa nova gerência-geral, três prédios estão sendo construídos no Miguelão, com projeto de arquitetura e engenharia elaborado por equipe de profissionais da DIFL. Lá vão se instalar cerca de 30 empregados que vão se somar à equipe atual do Miguelão. Cada vez mais somos Vale e parte desse Universo.

Marcelo Fenelon, diretor de Ferrosos Sul

Expediente

Publicação mensal da Minerações Brasileiras Reunidas para seus empregados e familiares

Sede: Av. de Ligação, 3.580, Nova Lima (MG).

CEP: 34.000-000

Fone: (31) 3289-3154

Coordenação: Gerência de Comunicação I Regional Ferrosos Sul/Coordenação de Comunicação Interna da MBR

Comitê Administrativo: Adriana Mansueto (GESOC), Adriana Zapparoli (GETEC), Carem Fabris (GGTIN), Cesar Grandchamp (GEGHD), Cristiane Aguiar (COINT), Cristiano Diniz (COEXT), Cynthia Isoldi (COSIG), Flavia Rocha (COEXT), Heloisa Silva (GESOC), Josenaidi Alves (GGPIT), Lidiane Gurgel (GEPRO) e Renata Fortuna (GGPCP). **Comitê do Complexo Paraopeba:** Antônio Tadeu Magalhães (SPSG/JGD), Fabiano da Silva (SPAT-M), Fernanda Starling (COIT/MUT), Giovanni de Paula Goulart (SPVL/GEOFC), João Leonardo Braga (SPMC/TOD), José Guilherme (SPAQ/JGD), Juliana Lacerda (GEGIN), Júlio Bambirra (GEJGD), Lorraine Marques (SPMC/MUT), Luiz Fábio Araújo (GEMAN/MAZ), Marcelo Penido (SPVM/GEOFC), Ricardo Alvarenga (SPEI/MUT), Welinton Assis (SPCT). **Comitê do Complexo Vargem Grande:** Aline Leão (GEGIN), Camilla Lage (COPM-M/TAM), Flávia Tambasco (COINT), Leonardo Saab (SPSG/CMT), Leonardo Rodrigues (SPMI/CMT), Neider Rony (SPCT/TFA), Renata Castanheira (GESOC). **Comitê do Terminal da Ilha Guaíba:** Adriano Carvas (SPVO), Andrisa Carla (GEPET), Andréa Rodrigues (GESOC), Anilson Sampaio (SPMA), Edda Bins (COINT), Iranei Lorena (SPOP-B), Jefferson Soares (SPPM), Leandro Bastos (SPEL), Marcos Rocha (GEFIS), Caroline Costa (GEGIN), Pablo Jardel (GEGAC), Rafael Ambrózio (SPMC), Thyago Pereira (SPAX) e Varlene Silva (SPDP). **Comitê do Complexo Minas de Itabirito:** Adilson Alexandre Gomes (SPMT), Aender Pereira da Silva (SPMT), André Pedrosa (SPAX), Andreza Souza (GEMAN), Flávia Tambasco (COINT), Jean Ragonezi (SPHI), Rosane Gastelumendi (GEDEP), Stevan Cruz (SPIT).

Produção Editorial: BH Press Comunicação (bhpress@bhpress.com.br)

Jornalista Responsável: Ana Amélia Gouvêa (4843/MT)

Reportagem e Redação: Danny Marchesi (MG 10755 JP)

Projeto Gráfico: CM Design

Diagramação: AVI Design (avidesign@avidesign.com.br)

Fotos: Alexandra Simões e Arquivo Max Gehring

Foto de capa: Alexandra Simões

Impressão: Gráfica Pampulha

Tiragem: 4.500 exemplares

www.mbr.com.br

Planta separa 'joio do trigo'

Concentração magnética em Vargem Grande recupera lamas antes direcionadas à barragem



Nova estrutura reaproveita 27% do rejeito da produção

Uma nova planta de separação magnética começou a operar em abril no Complexo Vargem Grande. O circuito vai receber o fluxo de rejeitos (lama) do Complexo que era encaminhado diretamente para a barragem. “Todo rejeito da produção que eliminamos possui algum teor de ferro. Nosso objetivo com a planta é recuperar parte do ferro contido nesse material”, explica Emir Birro de Castro, gerente de Tratamento de Minério de Vargem Grande.

A planta é equipada com quatro separadores magnéticos, que funcionam como grandes ímãs. Cerca de 500 toneladas de rejeitos passam pelos equipamentos, por hora, antes de serem descartados. E os minerais de ferro, naturalmente magnéticos, são retidos pelos ímãs.

“Os separadores são capazes de recuperar partículas que variam de 16 a 5 micrômetros, medida equivalente à milionésima parte do metro”, conta Emir. Apenas a lama que sobra desse processo é enviada para a barragem.

Após a recuperação, as partículas são encaminhadas para filtragem, junto com o concentrado da flotação, para compor o *pellet feed fines* (PFF).

De acordo com Emir, a meta de produção para a planta é de um milhão de toneladas ao ano. “O aumento de recuperação global previsto é da ordem de 4%”, calcula. Isso significa reaproveitar cerca de 27% do material que até então era eliminado como rejeito da produção. Parte da planta entrou em funcionamento em dezembro passado. O investimento foi de R\$ 30 milhões.



Vida nova para a matriz de Raposos

MBR patrocina restauração da igreja que pode ser a mais antiga de Minas Gerais



Detalhe do interior da igreja. Restauração deve durar seis meses

Uma das igrejas mais antigas de Minas Gerais, defendida por alguns historiadores como a primeira do estado, a matriz de Raposos está em processo de reforma, patrocinado pela MBR por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura. “Já investíamos em **projetos socioculturais** no município e agora temos a oportunidade de contribuir para a recuperação de um patrimônio cultural e histórico da região, reforçando nosso compromisso com a comunidade local”, afirma a gerente de Comunicação, Cássia Cinque.

A matriz teria sido construída entre o final do século 17 e o começo do 18. Mesmo não havendo certeza sobre a data precisa de construção, sua importância histórica é reconhecida. Ela foi uma das primeiras igrejas tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1938, apenas um ano após a criação do órgão. “A reforma é importantíssima, do ponto de vista religioso, mas principalmente histórico e cultural. Com a recuperação dos altares, a comunidade sentirá novamente orgulho do patrimônio do município”, afirma o prefeito de Raposos, Cléber Solano de Castro.

Creche Menino Jesus, Escola de Arte Musical de Raposos, Giramundo, Projeto Fred, Rede Cultura, União dos Escoteiros do Brasil – Grupo Escoteiro Raposo

Dia 14 de abril, uma solenidade marcou o início das obras, que serão conduzidas pelo Instituto Yara Tupinambá. Quatorze profissionais das áreas de arte e restauração estarão envolvidos na recuperação dos quatro altares laterais e do arco-cruzeiro. Haverá a participação de mão-de-obra local para serviços de apoio.

Trabalho meticuloso

“A primeira etapa é a montagem dos andaimes. Em seguida, faremos uma higienização, para retirar toda a poeira dos altares. Como a matriz já recebeu outras intervenções, o próximo passo será a remoção das camadas de repintura”, explica José Teobaldo, diretor-executivo do

Instituto Yara Tupinambá. Uma análise vai permitir descobrir a tonalidade mais próxima da cor original dos altares. Para isso, parte deles terá que ser removida. Depois disso, um novo planejamento para o restauro será feito, com base nos resultados. As partes danificadas serão reconstruídas com massa e serão niveladas, pintadas e envernizadas. “O trabalho é árduo e exige muita atenção aos detalhes, mas a equipe está adorando fazê-lo”, afirma Teobaldo. Paralelamente ao trabalho de restauração, uma historiadora vai levantar informações sobre a igreja, resgatando parte da memória histórica do patrimônio.

Missas continuarão sendo rezadas na matriz aos sábados e domingos ao longo de todo o processo de recuperação, previsto para durar seis meses. “Durante a semana, elas serão transferidas para igrejas menores, nos bairros, mas nos fins de semana iremos conciliar missas, batismos e casamentos com as obras de restauração da matriz”, afirma o pároco Lauro Lima. Segundo ele, mesmo as obras tendo começado há cerca de um mês, a população já está ansiosa para ver o resultado, em outubro.

Matriz de Raposos, que será reformada em 2007 pela MBR, foi uma das primeiras igrejas tombadas como patrimônio histórico e artístico nacional



DIFL padroniza proteções de transportadores de correias

Medida torna área mais segura e melhora condições para manutenção dos TCLDs

As proteções dos rolos de carga e retorno de Transportadores de Correia de Longa Distância (TCLD) da DIFL estão em processo de padronização, iniciado em abril. “As proteções evitam acidentes pessoais, porque não permitem que empregados esbarrem em correias e rolos e sejam puxados por eles”, explica Belo Dalseco, gerente de Manutenção do Terminal da Ilha Guaíba (TIG). Após perceber que em cada unidade era usado um modelo diferente, a DIFL colocou como meta para a operação determinar qual seria a proteção mais adequada, implantando-a em todas as áreas.

Além do problema da falta de padronização, outras questões deveriam ser consideradas. As proteções precisam ser retiradas para que o transportador passe por manutenção. Como alguns tipos de proteção utilizados eram muito pesados, a inspeção causava riscos ergonômicos. Algumas vezes, pela dificuldade de serem retiradas, carregadas e instaladas, elas deixavam de ser recolocadas, o que representava uma condição de risco.

Juntos pela solução

Uma equipe técnica, formada por membros da Coordenação de Segurança do Trabalho da DIFL, empregados dos complexos de Minas Gerais, da CPBS e do TIG, reuniu-se na Ilha Guaíba, em fevereiro, para discutir o modelo a ser adotado. O grupo analisou as proteções até então utilizadas segundo critérios de custo, ergonomia, proteção, facilidade de manutenção, fixação e peso, e escolheu dois modelos: um para as regiões de carga e retorno dos transportadores e outro para locais em que estejam instalados extratores e detectores de metais. Enquanto o primeiro consiste em um quadro metálico com tela (foto acima), o segundo é uma placa de polipropileno, já que um artefato

feito de metal interfere no campo magnético tanto do extrator quanto do detector. Entre as vantagens que os dois modelos apresentam em relação aos usados anteriormente estão o fato de serem mais leves e mais fáceis de movimentar. Isso elimina riscos ergonômicos e facilita a manutenção.

A troca das proteções antigas pelas novas tem cronograma específico em cada unidade, mas as áreas que apresentam maior trânsito de pessoas terão prioridade. Na Gerência-geral do Complexo Paraopeba (GGPAR), por exemplo, a troca está em fase de contratação junto à Gerência de Suprimentos. Foi feita uma inspeção envolvendo a área operacional e a área de Segurança do Trabalho, com o objetivo de identificar os transportadores que deverão ter as proteções instaladas primeiro. “Terão prioridade os transportadores que estão localizados em área de maior trânsito de pessoas e cuja

configuração pode causar maiores riscos ergonômicos”, explica Ademir Santos, coordenador de Manutenção Mecânica Industrial da GGPAR. A previsão é que 100% das proteções dos transportadores classificados com prioridade 1 (cerca de 1.450 metros) sejam instaladas até setembro de 2007. Os demais transportadores receberão as proteções até o fim do ano.

No TIG, as substituições começaram em abril e vão até janeiro de 2008, quando os sete quilômetros de TCLDs do Terminal estarão totalmente protegidos. Cerca de R\$ 430 mil serão investidos na troca na Ilha Guaíba.

No Complexo Minas de Itabiritos, 80% das correias de pequeno porte estarão protegidas com o novo padrão até o meio do ano. A troca das demais proteções acontece até meados de 2008.



Barras de polipropileno serão instaladas em locais onde haja extrator ou detector de metais



Montanha que se movimenta

Crescimento da principal pilha de estéril de Capitão do Mato muda a entrada da mina e seu complexo viário

A expansão da pilha de estéril da correia está mudando a paisagem e vai deslocar a porta de entrada da mina de Capitão do Mato (CMT), no Complexo Vargem Grande. Como o previsto na abertura da mina, ela está crescendo e ocupará a área hoje destinada à portaria de CMT. “Com isso precisaremos construir uma nova portaria e modificar todo o sistema viário do entorno, o que também já estava planejado”, esclarece o gerente de Mineração do Complexo Vargem Grande, Fernando Marino.

A Mina de Capitão do Mato tem duas pilhas de estéril: uma ao lado do Condomínio Morro do Chapéu e outra nas proximidades da portaria. Como na primeira só pode haver disposição de material de segunda a sexta-feira, de 7h às 19 horas, em função da proximidade com o condomínio residencial e por sua vida útil estar perto do fim, a pilha da correia é a que recebe a maior quantidade de material, já que opera 24 horas por dia, sete dias por semana.

Mensalmente são dispostas lá 800 mil toneladas de estéril em média .

Hora de mudar

Ano passado, o nível da pilha indicou que estava na hora de arrumar as malas e fazer a mudança. Até o fim de 2007, a pilha já deve ocupar o espaço destinado à portaria da mina. Por isso, as obras começaram em 2006.

Foram fechados acessos e outras estradas estão sendo abertas. A mudança é comum em mineração, atividade em que as estradas não são permanentes. A alteração criou a necessidade de construir duas pontes, uma para veículos leves, acima do canal de drenagem da pilha, construído em janeiro de 2007, e outra para veículos pesados, que passa sobre a estrada de veículos leves e sobre o canal. Essa segunda ponte vai permitir que os caminhões fora-de-estrada transitem da mina para a pilha,

levando material a ser depositado. Nesses dois acessos, veículos leves não cruzam com equipamentos pesados, o que confere mais segurança ao tráfego. “Todas as alterações feitas até agora, inclusive as temporárias, estão bem sinalizadas, no mesmo padrão da estrada antiga”, afirma Fernando.

Quando a nova portaria estiver pronta, o acesso até os escritórios de Capitão do Mato será asfaltado. As mudanças também vão afetar a chegada à unidade da Linha Verde, que liga CMT à planta de Vargem Grande. Ela também ganha nova configuração. Alguns contratos ainda estão sendo fechados e a estimativa de investimento é de R\$ 1,5 milhão para o novo complexo viário e R\$ 200 mil para a portaria.



Portaria vai ser reposicionada até o fim de 2007. Ao fundo, a pilha que vai ocupar sua área

Mudança estava prevista desde a abertura da mina



Miguelão fará parte de complexo de tecnologia da Vale

Laboratórios do Miguelão vão se somar aos de Vitória e formar estrutura para atender aos clientes de Ferrosos da Companhia



Canteiro de obras que se instalou no Miguelão e que vai transformar a área em um complexo tecnológico da Vale

O Centro de Pesquisas do Miguelão atenderá a toda a estrutura de Ferrosos da Vale no Brasil a partir de julho. Seus laboratórios vão se somar a outros que serão transferidos de Vitória (ES) para a área onde até então funcionava a Gerência de Tecnologia da MBR. Eles formarão um complexo de pesquisa e tecnologia, integrante da recém-criada Gerência-geral de Pesquisa e Desenvolvimento de Processos e Produtos (GEDET), ligada à Diretoria de Tecnologia e Assistência Técnica de Ferrosos (DITF). Composta por cinco gerências de área, a GEDET tem o objetivo de realizar a interface tecnológica com os clientes de minério de ferro e pelotas da Companhia Vale do Rio Doce. “A DITF tem dois braços: o desenvolvimento tecnológico e a assistência técnica”, explica o gerente-geral da GEDET, Rogério Carneiro.

A mudança faz parte do processo de integração com a Companhia Vale do Rio Doce que está aproveitando sinergias e montando uma configuração única de pesquisa e assistência ao cliente para atender a toda a área de Ferrosos da Vale.

Atualmente, o Miguelão tem cinco laboratórios – Químico, Metalúrgico, Caracterização de Minérios, Tratamento de Minérios e Preparação de Amostras –, além de uma planta-piloto de Tratamento de Minérios, réplica em menor escala do processo de produção para simular operações. Virão de Vitória equipamentos para complementar o Laboratório Metalúrgico, além do Laboratório de Propriedades a Altas Temperaturas e das Plantas Piloto de Sinterização e Pelotização. Juntos, eles formarão a Gerência de Gestão de Laboratórios. “Eles são complementares. Enquanto a infraestrutura atual do Miguelão realiza testes ligados à operação de usinas, ao estabelecimento de rotas de beneficiamento e ao desenvolvimento de produtos de mina, a de Vitória tem foco em soluções de carga metálica para siderurgia, ou seja, nos resultados que o cliente obterá com determinado minério”, afirma o gerente de Gestão de Laboratórios Aloísio Borges.

Até julho de 2007, a estrutura e o pessoal da GEDET devem estar instalados na área do Miguelão. Uma equipe de 30 pessoas vai se juntar à que já trabalha no local, de cerca de 55 empregados.



Para abrigar escritórios, foi reformado um prédio e outro está sendo construído, como espelho do já existente

Novinhos em folha

Para abrigar os laboratórios transferidos, três prédios foram erguidos na área do Miguelão e um reformado. Seus projetos arquitetônicos foram feitos, pela primeira vez, pela equipe interna da Gerência-geral de Empreendimentos Ferrosos Sul (GEEML), antiga GEPRO. “Também foi a primeira vez que a construção de prédios não-administrativos foi planejada com orientação arquitetônica”, afirma a arquiteta da área, Sílvia Queiroz.

O anúncio da transferência dos laboratórios de Vitória exigiu agilidade da equipe da GEEML. Das primeiras discussões conceituais, em julho de 2006, à conclusão da obra, terá decorrido um ano, prazo considerado muito curto. Em julho serão entregues os prédios do Laboratório de Caracterização de Materiais (LCM) e de Propriedades a Altas Temperaturas (LPAT), da

Planta-Piloto de Pelotização e Sinterização e de escritórios. Esse último é espelho de outro prédio administrativo já existente, que foi reformado. “Enquanto projetamos o prédio do LCM/LPAT com cara de escritório, para a Planta-Piloto precisamos de um galpão. Isso porque a natureza dos ensaios que serão realizados é diferente”, esclarece a engenheira civil Elisa Fenelon.

Houve preocupação em interferir o mínimo possível no ambiente, aproveitando acessos já abertos e buscando interfaces e integração com os prédios existentes. “Nossa intenção era criar um verdadeiro núcleo”, afirma o desenhista projetista Emerson Oliveira. A supressão de áreas vegetais também foi evitada e, conseqüentemente, a necessidade de licenças ambientais, o que atrasaria o processo.

Uma segunda fase do projeto acontece em 2008, quando será construído um Galpão de Amostras. Também estão previstos para ano que vem um segundo estacionamento, pavimentação asfáltica, paisagismo e urbanismo.

Para comportar as estruturas e a chegada dos novos ‘moradores’, foram construídos central de gases, Estação de Tratamento de Água (ETA) e Esgoto (ETE) e subestação de energia elétrica. O restaurante passou por uma pequena reforma e o vestiário teve sua capacidade aumentada para atender a até cem empregados. O projeto teve orçamento de R\$ 200 mil e o investimento nas obras concluídas ainda em 2007 é de cerca de R\$ 5,5 milhões. O orçamento total é de R\$ 8,5 milhões.



Planta mostra configuração dos prédios de laboratórios e escritórios que estão sendo construídos/reformados



Luciana (à esq.) e Vanessa da área de Recursos Humanos: coincidências e experiências trocadas durante a gravidez

Bernardo em dose dupla

Aconchego, preocupação, cuidado, atenção, carinho e amor são palavras que podem ser usadas como sinônimos para mães. Os nove meses de espera são uma preparação importante para receber o bebê, que vai transformá-las para sempre. Em maio, mês das mães, o Jornal da MBR apresenta a história de duas colegas de trabalho que estão vivendo a experiência da gravidez e uma grande coincidência

A área de Recursos Humanos (RH) está grávida. As analistas Luciana Salomão Homsi e Vanessa Silva Fonseca, que trabalham na mesma sala, estão vivendo simultaneamente a experiência da gravidez. A coincidência não pára por aí: ambas esperam meninos que vão se chamar Bernardo. No caso de Luciana, grávida de oito meses, a escolha do nome foi dela, enquanto o Bernardo de Vanessa, grávida de cinco meses, foi sugestão do marido. “Quando esperava a minha primeira filha, Júlia, de oito anos, ele escolheu Bernardo para o caso de o bebê ser menino. Quando soube o sexo nessa segunda gestação, não pensamos em outro nome”, explica.

Luciana é mamãe de primeira viagem e tem trocado experiências com a colega. Ela conta

que Bernardo já tem uma turminha. “Tenho um irmão de 11 anos, um sobrinho de nove e um enteado de quatro anos”, explica.

Além do nome, o time de coração está escolhido. O marido de Luciana, Radwan, é atleticano e o uniforme do bebê já foi comprado. No caso de Vanessa, o coração de Bernardo deve ser disputado. “Meu marido, Ricardo, é atleticano, mas a Júlia é cruzeirense. Ele vai escolher para qual dos times torcer”, avisa.

Mães e filhos

A pequena Júlia também está curtindo a gravidez. “Ela está fazendo planos para o quarto e até para o batizado e aniversário do neném. Gosta

de conversar com a barriga e ver se o Bernardo está se mexendo”, conta Vanessa.

Para ela, a segunda gestação é mais tranquila, não existem tantas dúvidas, já que a experiência com o primeiro filho serve de referência. “O vínculo entre mãe e filho acontece logo que você sabe que está grávida, o amor é incondicional e para a vida toda. Contudo, cada família tem seus valores e princípios e estabelece uma relação familiar diferente”, considera.

Luciana, que deve receber Bernardo no fim de maio, está com tudo pronto. “Já arrumei o quarto”, conta. Para ela, a maternidade trouxe mais responsabilidade. “A gente passa a se preocupar mais porque sabe que deve cuidar de outra pessoa”, afirma.

Coragem para mudar

Escolhido em 1999, em pesquisa do jornal *Gazeta Mercantil*, como um dos “30 Executivos Mais Cobiçados do Mercado”, Max Gehringer deixou, no mesmo ano, uma carreira de sucesso no mundo dos negócios para realizar um sonho de infância: ser escritor. Ex-executivo da Pepsi-Cola, Elma Chips, Peixe e Pullman/Santista, o administrador tem se dedicado, desde então, a retratar de forma bem-humorada o ambiente organizacional. É autor de vários livros sobre o lado cômico da vida profissional, dentre eles *A Comédia Corporativa* e *Não Aborde Seu Chefe No Banheiro*. Desde 15 de abril, apresenta a série *Emprego de A a Z*, como consultor de carreiras, no programa *Fantástico da Rede Globo*, onde já falou de aumento e relacionamento. Além disso, é articulista da revista *Época* e comentarista de empregos e carreiras da Rádio CBN. Confira na entrevista ao *Jornal da MBR* a opinião de Max Gehringer sobre carreira e mudanças organizacionais



1. Qual foi seu primeiro emprego?

De carteira assinada, foi de office-boy, aos 15 anos. Antes, eu tinha feito uns bicos, daqueles que a gente aprende bastante, mas não ganha nada.

2. Você fez um planejamento de sua carreira? Por que deixar o mundo dos negócios no auge?

Nunca fiz. Deixei rolar, e até que rolou bem. Eu decidi dar um tempo quando tinha 49 anos, para me dedicar a um velho sonho de infância, o de ser escritor. Na época, meus amigos me disseram que eu tinha perdido o juízo, porque eu estava trocando um cargo de presidente em uma multinacional (Pullman) por uma aventura. Mas, olhando para trás, aquela deve ter sido a decisão mais sensata que eu tomei na vida profissional.

3. O senhor trata de assuntos corporativos de forma bem-humorada e criativa. De onde surge essa inspiração?

Desde criancinha, eu sempre procurei achar a piada que estava escondida por trás da seriedade. Deve ser algum desvio genético mal explicado. Isso me causou sérios problemas com meus professores e com meus primeiros chefes, porque eu era avaliado como inconseqüente. Depois de tomar muita bronca, aprendi a separar a hora de ser sério e a hora de ser engraçado. Esse equilíbrio me ajudou a ser bem-humorado sem deixar de me concentrar naquilo que eu era pago para fazer, gerar resultados para a empresa.

4. Pode contar uma história inusitada que tenha ocorrido no ambiente organizacional?

Quando eu tinha 19 anos, trabalhava na área de produção. Um dia, minha empresa decidiu que todos os funcionários deveriam usar jalecos cinzas, com golas de cores diferentes. A hierarquia seria diferenciada pela cor da

gola: vermelha para os gerentes, azul para os supervisores, amarela para os líderes. O resto, a ralé da fábrica, usava gola cor de abóbora. Era o meu caso. Imediatamente, fomos apelidados de ‘abobrinhas’. E eu coloquei um cartaz no quadro de avisos: “Se a cor da gola fosse sinal de prestígio, o palhaço seria o dono do circo”. Tomei uma suspensão de três dias. Quase perco o emprego, mas não perdi a piada.

5. Mudança de emprego, novos projetos e reestruturação organizacional tiram os empregados da zona de conforto. Como esse deslocamento pode ser aproveitado em benefício da carreira?

Por princípio, todos somos contrários a mudanças. Estamos acostumados a uma situação, sem necessariamente estarmos acomodados, e de repente chega alguém querendo mudar tudo. Na prática, isso significa que vamos ter que provar, novamente, muitas coisas que já havíamos provado. É isso que causa o desconforto. Mas, depois de passar por uma infinidade de mudanças em minha carreira, eu aprendi que os primeiros que aderem são os primeiros a serem beneficiados. Aprendi também que, se ninguém pedia minha opinião sobre uma mudança, isso queria dizer que minha opinião não era importante, nem necessária. Aí, ou eu remava ou pulava do barco. As duas opções eram boas. A única opção ruim era tentar ignorar a mudança.

6. Em um processo de fusão, incorporação ou integração, como se comportar diante de uma nova cultura organizacional?

O comportamento deve ser o mesmo que teríamos se tivéssemos mudado de emprego. Não adianta ficar dizendo como as coisas eram. É preciso entender como elas serão, e se adaptar rapidamente. Nosso passado profissional, que nos recomenda e nos dá orgulho, já não garante o nosso futuro.

Ele educa e protege

MBR apóia projeto Jandira, iniciativa que visa a manter crianças na escola e longe de riscos sociais

Crianças da Escola Laura Queiroz, em Itabirito, participantes do Jandira, fazem aula de música



Cláudia Ignez, promotora que idealizou o projeto

O Projeto Jandira, parceria entre a Prefeitura e a Promotoria de Justiça da Infância e Adolescente de Itabirito, por meio do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça da Infância e Adolescência de Minas Gerais (CAOIJ), é uma dupla homenagem: para as crianças, que ficam mais protegidas de riscos sociais se estiverem na escola, e a Jandira Marques de Oliveira, avó da promotora de Justiça que criou o projeto, Cláudia de Oliveira Ignez. "Idealizei o Jandira porque percebia que o ingresso de crianças e adolescentes na criminalidade estava ligado a um processo de abandono pessoal e social das famílias e crianças carentes. Era uma forma de transformar essa realidade pela escola, dando-lhes oportunidades", explica a promotora. O batismo com o nome da avó foi inspirado em sua atuação à frente de entidade de apoio a crianças e adolescentes na cidade.

O Projeto Jandira começou em 2004, em Itabirito. Sua metodologia é simples, com o eixo do programa vinculado à utilização racional e monitorada dos programas inclusivos do Governo Federal, como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti) e Bolsa-família. Parceria com a Secretaria Municipal



Capa de uma das cartilhas que compõem o kit do Jandira

de Educação estabelece uma espécie de 'prontuário escolar' para cada aluno, chamada Ficaí. Ela é acompanhada pelas unidades escolares, Conselho Tutelares, Ministério Público e Poder Judiciário. Os professores anotam a frequência para verificar se as crianças estão se ausentando do ambiente escolar e monitoram se estão sendo cumpridos 85% de frequência às aulas, requisito para o recebimento de programas de assistência. Em caso de oito faltas consecutivas, no primeiro ciclo escolar, ou 12 alternadas, no segundo, instaura-se um processo para que uma solução doméstica seja tentada. "Persistindo a situação, o Conselho Tutelar é acionado", explica Cláudia Ignez.

Amparado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o Conselho entra em ação: encaminha os estudantes e seus responsáveis a entidades de execução de medidas protetivas, onde os alunos recebem aulas de reforço escolar e acompanhamento psicológico, participam de oficinas de profissionalização e aprendizagem, e encaminha os pais para outras instituições, como à Secretaria de Assistência Social, em caso de desemprego ou dependência química, por exemplo. Depois dessa fase, normalmente as crianças retornam para a sala de aula. Caso isso não aconteça, a família que recebe benefícios vinculados à presença da criança na escola tem a ajuda suspensa. “É uma forma de, depois de todas as medidas de proteção tomadas, forçar a família a intervir em favor do retorno do aluno ao estudo”, explica Cláudia Ignez.

Em Itabirito, cerca de 18 mil crianças estão matriculadas no ensino público. “Todos são monitorados pelo projeto”, afirma a secretária de Educação de Itabirito, Lisir Resende Silva Santos. No primeiro ano do Jandira, cerca de 300 delas não freqüentavam a escola regularmente. Em 2005, o número baixou para cerca de 80 e, ao longo de 2006, houve períodos em que apenas dez crianças não eram assíduas e podiam ser consideradas fora da rede de ensino.

Fazendo escola

Com o sucesso do projeto em Itabirito, o Jandira começou a ser levado a outras cidades.

Hoje, mais de 20 municípios mineiros utilizam a metodologia para garantir que suas crianças e jovens estejam na escola, longe da rua, da criminalidade, das drogas e da prostituição.

Para ampliar ainda mais essa rede, o projeto é apoiado pela MBR. A empresa patrocina um kit informativo sobre o Jandira, que será distribuído a diversos outros municípios para auxiliar na implantação do projeto. São 15 mil conjuntos, compostos por duas cartilhas (uma sobre o projeto e o Bolsa-família e outra sobre meios de combater a criminalidade e medidas socioeducativas), e um CD informativo. “É mais uma forma de a MBR apoiar iniciativas de proteção à infância e adolescência no estado, em sintonia com sua

atuação social responsável”, afirma a gerente de Comunicação, Cássia Cinque.

O recurso de cerca de R\$ 100 mil doado pela MBR ao Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDCA), por meio da renúncia fiscal ao Fundo da Infância e Adolescência (FIA), também foi usado para montar 13 gabinetes que servirão à estruturação de Conselhos Tutelares na região de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Minas Gerais. Vai viabilizar, também, a realização de seminário sobre o Jandira em Montes Claros, no norte do estado. Na primeira quinzena de setembro, promotores e prefeitos dos 13 municípios com menor IDH da região se reunirão para discutir a implantação do projeto.



Quanto mais tempo na escola, menos expostas a riscos as crianças e adolescentes estão

Festa da Música ganha praças de Belo Horizonte

Projeto tem o patrocínio da MBR e acontece na capital de 25 de maio a 3 de junho

A Festa da Música, projeto da Fundação Assis Chateaubriand, vai encher de melodia **nove praças e outros quatro espaços** da capital mineira entre os dias 25 de maio e 3 de junho. Com o apoio da MBR e outras empresas, o evento vai oferecer atrações musicais gratuitas à população de Belo Horizonte. Serão orquestras, corais, bandas e músicos como Hermeto Pascoal, Yamandú Costa e Marcos Vianna. A MBR investiu cerca de R\$ 270 mil, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, com recursos de 2005. Confira a programação pelo site www.festadamusica.art.br e participe.

Praça do Papa, Praça da Liberdade, Praça JK, Praça da Lagoa Seca, Praça de Santa Tereza, Praça da Igrejinha da Pampulha, Praça Floriano Peixoto, Praça da Assembléia, Praça da Savassi, Teatro Alterosa, Museu de Artes e Ofícios, Salão da Prefeitura.

3ª edição

Domingo na Praça

13 DE MAIO

GRUPO REAL FANTASIA (MG) **16h**
"A HISTÓRIA DE TONY E CLÓVIS"
BANDA MANTIQUEIRA (SP) **17h30**

27 DE MAIO

"A CANÇÃO DE ASSIS" (MG) **16h**
BELINI ANDRADE E FLOR DE
ABACATE (MG) **17h30**

17 DE JUNHO

GRUPO CURUPACO (MG) **16h**
"O VÔO DO PTERODÁCTILO"
MARCOS SUZANO
E ALEX MEIRELLES (RJ) **17h30**

01 DE JULHO

CYNTILANTE PRODUÇÕES (MG) **16h**
"OS SALTIMBANCOS"
RUFO HERRERA E QUINTETO
TEMPOS (MG) **17h30**

15 DE JULHO

TRUPE DE TEATRO E PESQUISA (MG) **16h**
"CORÇÃO DE VIDRO"
CHORO NA FEIRA (RJ) **17h30**

29 DE JULHO

"BRINCANDO COM A RÚBIA" (MG) **16h**
MAURÍCIO EINHORN
QUARTETO (RJ) **17h30**

12 DE AGOSTO

"SOLTANDO OS BICHOS" (MG) **16h**
JUAREZ MACIEL, GRUPO MUDA
E CONVIDADOS (MG) **17h30**

26 DE AGOSTO

GRUPO REAL FANTASIA (MG) **16h**
"E SE O MUNDO FOSSE UMA GRANDE
BRINCADEIRA DE CRIANÇA?"
TONINHO FERRAGUTTI E
QUINTETO DE CORDAS (SP) **17h30**

02 DE SETEMBRO

SPASSO ESCOLA DE CIRCO (MG) **16h**
"UM DIA DE CIRCO"
WEBER LOPES QUINTETO (MG) **17h30**

16 DE SETEMBRO

ARMATRUX (MG) **16h**
"ANDARILHOS DO REPENTE"
HAMILTON DE HOLANDA
QUINTETO (DF) **17h30**

Praça da Liberdade

13 DE MAIO A 16 DE SETEMBRO DE 2007

programação gratuita | sempre aos domingos
www.domingonapraca.com.br

Realização



Curadoria
e Produção



Incentivo



Patrocínio



Companhia
Vale do Rio Doce

É meu. É seu.
É nosso

O Dia Mundial do Meio Ambiente, comemorado em 5 de junho, chama atenção da humanidade para os problemas ambientais que a Terra tem enfrentado. Para entrar na luta a favor de nosso planeta, é preciso conhecer um pouco da história da degradação ambiental, além de entender a importância do desenvolvimento sustentável e das novas fontes de energia. O Para Casa também conta a história de Gaia, e traz informações sobre como colocar os 3 Rs em ação.

Para Casa

encarte





Todo dia é dia de preservar

Embora a língua e a cultura sejam diferentes, todos os povos habitam o mesmo planeta. O Dia Mundial do Meio Ambiente, comemorado em 5 de junho, serve para lembrar que dividimos, também, as mesmas consequências quando alguma coisa vai errada na Terra

A data foi escolhida em 1972, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou sua primeira conferência ambiental. Naquela época, os pesquisadores já se preocupavam com o que as ações humanas poderiam causar no meio ambiente.

A humanidade, os animais e as plantas precisam de recursos naturais básicos, como água potável, alimentos, equilíbrio entre luz do sol e sombra. Outros recursos podem ser conseguidos na natureza para tornar a vida mais confortável, como os minerais, o petróleo e as plantas, que nos dão madeira, alimentos ou remédios. E isso deve ser feito sem colocar em perigo a sobrevivência do planeta e sem comprometer a vida de nossos filhos e netos, que viverão aqui depois de nós. A isso se dá o nome de desenvolvimento sustentável.

Conseguir o equilíbrio entre a proteção ambiental e o desenvolvimento econômico é o grande desafio do nosso tempo. Para isso, empresas, governos e instituições de ensino investem em pesquisa científica para buscar matérias-primas e fontes de energia alternativas, que não poluam ou não degradem o meio ambiente. E cada um de nós também tem opções para viver de maneira sustentável, sem comprometer a vida futura, como você verá ao longo deste encarte. Boa leitura!

Lição para toda a vida

Para o professor e pesquisador no Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Ângelo Machado, a criança tem papel fundamental no desenvolvimento sustentável, que ele chama de único caminho ecologicamente correto e socialmente justo. "Como ela é a base para a geração futura, é importante que desenvolva hábitos ecologicamente corretos desde cedo, como defender a natureza, não demorar no banho, não achar ruim pegar ônibus ao invés de ir de carro. A criança deve, principalmente, ficar sabendo de todos os problemas ambientais do mundo de hoje, porque quando ela for adulta, e tiver direito de voto, vai poder ter melhores condições de saber o que está certo", afirma o professor.

Ângelo Machado já escreveu 35 livros ilustrados para a criançada sobre os mais variados temas, inclusive o desenvolvimento sustentável (*Douradinho douradão rio abaixo rio acima*). Para ele, os maiores problemas que a Terra enfrenta hoje, ambos afetados pelo aquecimento do planeta, são o desequilíbrio no uso dos recursos naturais e a destruição acelerada da **biodiversidade**. "As espécies estão entrando em extinção mais rapidamente do que os cientistas descobrem espécies novas. Muitas, então, nem chegamos a conhecer", afirma Ângelo.

conjunto de todas as espécies de seres vivos do planeta.



Ilustração Fabrício Vianna

Colabore com o meio ambiente!

Jogamos fora, todos os dias, muita coisa que acaba indo para lixões, poluindo cidades, matas, rios e oceanos. Para evitar essa situação, três ações simples podem ser colocadas em prática: **Reduzir, Reutilizar e Reciclar**

Reduzir

Significa eliminar o consumo daquilo que não é necessário. Fazemos isso pegando menos sacolas de plástico no supermercado ou não deixando as luzes acesas sem necessidade.

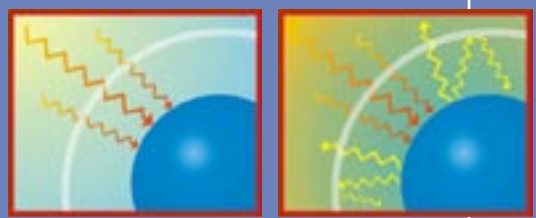
Reutilizar

É usar um mesmo produto de outra maneira. Podemos reutilizar folhas de papel como rascunho, garrafas pet podem virar vasos de plantas, e com criatividade e muita imaginação, é fácil transformar sucata em brinquedo.



Aprenda sobre o efeito estufa

O que é? O efeito estufa é um fenômeno natural. O calor do sol entra na atmosfera, que é a camada de ar que envolve a Terra. A cobertura do solo reflete o calor de volta. Mas, os gases chamados estufa, compostos de gás carbônico (CO₂) e outras substâncias, mantêm parte desse calor na Terra. Se o efeito estufa não existisse, a Terra seria tão fria, mas tão fria, que não conseguiríamos sobreviver.



Qual é o resultado disso? A Terra está cada vez mais quente. Durante os últimos cem anos, houve um aumento de 0,74°C na temperatura global média do ar. Pode parecer pouco, mas a diferença provoca problemas.



Mas por que tem ficado cada vez mais quente? O crescimento das cidades, o aumento do número de indústrias, os gases que saem dos canos de descarga dos carros e a queima de árvores são responsáveis pela maior parte da liberação de gases de efeito estufa. A criação de bois, vacas, cavalos, carneiros e outros animais, em grande quantidade, também contribui para o efeito estufa, porque a digestão desses animais gera gases. Fenômenos naturais, como os vulcões, deixam a situação ainda mais grave.



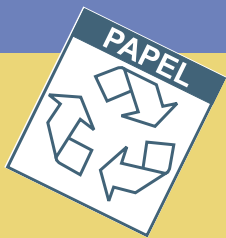
O que podemos fazer para ajudar? Vários países estão tentando reduzir a quantidade de poluentes lançados no ar para diminuir os gases estufa. O Protocolo de Quioto é uma dessas iniciativas. Os países que o assinaram comprometem-se a reduzir a produção de gases poluentes. O combinado para 2012 é reduzir em 5% o volume de gás emitido, tendo como referência o ano de 1990.



O que será do Planeta no futuro? O gelo dos pólos pode derreter, aumentando o volume de água dos mares e inundando ilhas e cidades litorâneas. Quando faz muito calor, a água dos rios evapora, o que diminui as reservas de água doce no planeta. Se as florestas secarem, muitas plantas e animais podem entrar em extinção, e grandes partes do planeta se transformariam em desertos.



Figuras cedidas pelo IBGE



Reciclar

Significa fazer outro material a partir daquele que você jogaria fora. Podemos reciclar papéis usados, para não precisar cortar mais árvores, vidros e plásticos, para evitar mais poluição, e podemos reciclar até roupas usadas, criando novas.

Os materiais que jogamos fora no meio ambiente não se desfazem da noite para o dia. Confira quanto tempo leva para cada tipo de material se decompor.

Tempo de decomposição de materiais

Papel	3 meses a vários anos
Casca de frutas	3 a 12 meses
Pano	6 meses a 1 ano
Madeira	6 meses (em média)
Cigarro	1 a 2 anos
Chiclete	5 anos
Lata de aço	10 anos
Nylon	30 anos
Embalagem longa vida	+ de 100 anos
Plásticos	+ de 100 anos
Pneus	+ de 100 anos
Latas de alumínio	+ de 1.000 anos
Vidro	+ de 10.000 anos

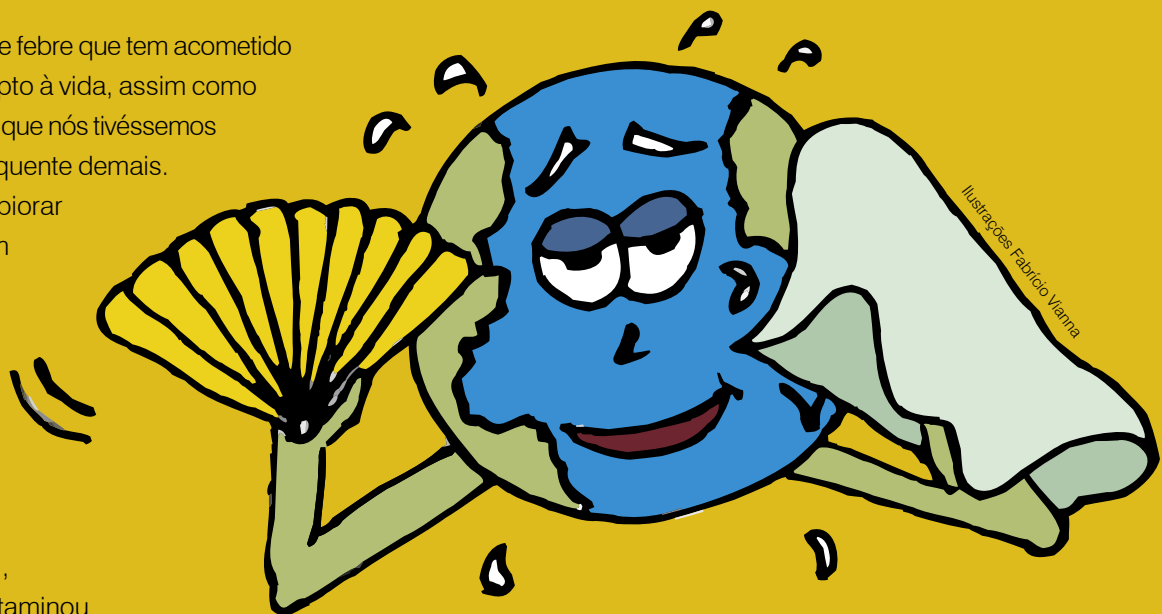


Gaia: O planeta está vivo

Um dos maiores cientistas da atualidade, o britânico James Lovelock, criou, no final dos anos 70, uma teoria sobre o planeta Terra: a Hipótese de Gaia. Segundo ele, a Terra é um ser vivo. Todos os elementos contidos nela – água, gases, plantas, animais e até seres humanos – são partes de um único sistema, que se regula para manter as condições necessárias para a vida. Sendo assim, a Terra poderia entrar em desequilíbrio, adoecer e até morrer.

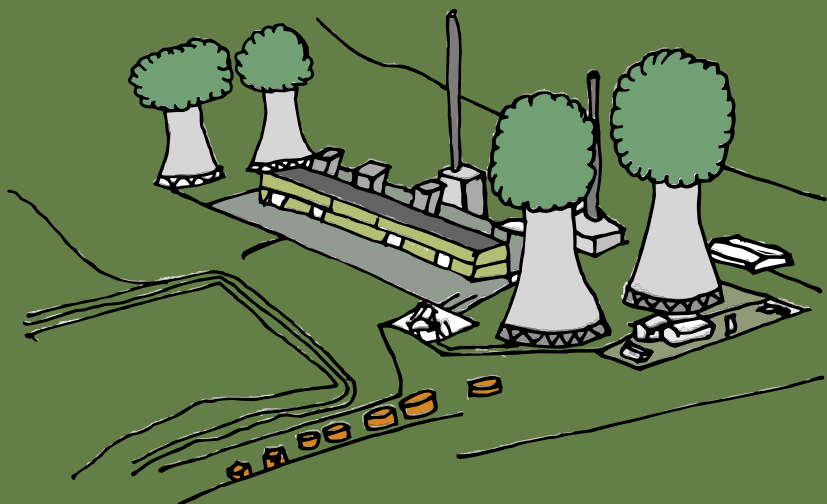
Para Lovelock, o aquecimento global é uma espécie de febre que tem acometido a Terra. “Nosso planeta tem se mantido saudável e apto à vida, assim como um animal, por mais de 3 bilhões de anos. Foi má sorte que nós tivéssemos começado a poluí-lo numa época em que o sol está quente demais. Nós causamos febre a Gaia e logo seu estado irá piorar para algo parecido com um coma”, afirmou em um artigo publicado em 2006, no lançamento do livro *A vingança de Gaia*.

Para ele, a única forma de evitar o desastre é parar de lançar na atmosfera gases produzidos com a queima de combustíveis. A solução defendida por Lovelock é o uso da energia nuclear, condenada no mundo todo desde o desastre de Chernobyl (1986), quando uma usina nuclear ucraniana explodiu e contaminou com radioatividade diversos países ao redor.



Ambientalistas defendem o uso da energia nuclear

A Associação dos Ambientalistas a Favor da Energia Nuclear (AAEN), fundada em 1996 e com sede na França, possui nove mil membros credenciados em todo o mundo, incluindo o próprio James Lovelock. O presidente da AAEN, Bruno Comby, explica para o Para Casa o ponto de vista da AAEN



Por que investir em energia nuclear?

A energia nuclear (gerada a partir de reações nucleares do urânio) é a única disponível em quantidades suficientes para permitir a nossa sobrevivência sem destruir o planeta. Um dos mitos que ela enfrenta é a preocupação quanto ao destino do lixo nuclear. Mas esse lixo existe em pequenas quantidades, já que um grama de urânio produz a mesma energia de uma tonelada de petróleo.

Se a energia nuclear causa tanta polêmica, por que não usamos energias que não produzem poluição, como a solar ou a eólica?

A energia solar (utiliza a luz do sol) e a eólica (que usa a força dos ventos) têm um importante papel, mas seu uso é muito restrito. Em larga escala, elas nunca alcançariam os mesmos resultados.

Por que as crianças são importantes para futuro do planeta?

Como diz meu amigo Lovelock, a humanidade é o sistema central de Gaia. Então, as crianças são o centro do planeta vivo de amanhã. Elas seguram o futuro do mundo em suas mãos. A melhor forma de garantir que tomarão decisões responsáveis é fazer com que tenham acesso à escola, à educação e que conheçam a ciência, incluindo as ciências ambientais.